

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

MARÇO DE 1864

Nº 3

Da Perfeição dos Seres Criados

Por vezes pergunta-se se Deus não teria podido criar os Espíritos perfeitos, para lhes poupar o mal e todas as suas conseqüências.

Sem dúvida Deus o teria podido, já que é Todo-Poderoso; e se não o fez é que, em sua soberana sabedoria, julgou mais útil fosse de outro modo. Não compete ao homem perscrutar seus desígnios e, ainda menos, julgar e condenar suas obras. Desde que não pode admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça; desde que tem sob os olhos, incessantemente, milhares de provas de sua solícitude pelas criaturas, deve pensar que tal solícitude não poderia ter falhado na criação dos Espíritos. Na Terra o homem é como a criança, cuja visão limitada não vai além do estreito círculo do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas. Deve, pois, inclinar-se ante o que ainda está acima de seu alcance. Todavia, tendo-lhe Deus dado a inteligência para se guiar, não lhe é vedado procurar compreender, detendo-se humildemente no limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas mantidas no segredo de Deus, o homem não pode estabelecer senão sistemas mais ou menos

prováveis. Para julgar qual desses sistemas mais se aproxima da verdade, há um critério seguro: os atributos essenciais da Divindade. Toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um só desses atributos pecaria pela base e estaria, por isto mesmo, eivada de erro. De onde se segue que o sistema mais verdadeiro será aquele que melhor conciliar-se com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não poderia ter criado o mal para contrabalançar o bem; se do mal tivesse feito uma lei necessária, teria voluntariamente enfraquecido o poder do bem, porquanto aquilo que é mau não pode senão alterar e enfraquecer o que é bom. Ele estabeleceu leis que são inteiramente justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação cujo contragolpe experimenta; daí todas as suas vicissitudes. É, pois, ele próprio, a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus o criou livre de escolher seu caminho; o que tomou o mau caminho o fez por vontade própria e não pode acusar senão a si mesmo pelas conseqüências para si decorrentes. Pela destinação da Terra, só vemos Espíritos desta categoria, e é o que fez crer na necessidade do mal. Se pudéssemos abarcar o conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diversas fases de sua existência em condições completamente diferentes e que, desde que o mal não é geral, não poderia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber por que Deus não criou os Espíritos perfeitos. Esta questão é análoga a esta outra: Por que a criança não nasce totalmente desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Há uma lei geral que rege todos os seres da Criação, animados e inanimados: a lei do progresso. Os Espíritos são a ela submetidos pela força das coisas, sem o que a exceção teria perturbado a harmonia geral e Deus quis dar-nos um exemplo

sintetizado na progressão da infância. Desde que o mal não existe como necessidade na ordem das coisas, pois não é devido senão a Espíritos prevaricadores, a lei do progresso de modo algum os obriga a passar por esta fieira para chegar ao bem; ela só os obriga a passar pelo estado de inferioridade intelectual ou, por outras palavras, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes e, por isto mesmo imperfeitos, ou melhor, *incompletos*, devem adquirir por si mesmos e por sua própria atividade a ciência e a experiência que de início não podem ter. Se Deus os tivesse criado perfeitos, deveria tê-los dotado, desde o instante de sua criação, com a universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia isentado de todo trabalho intelectual; mas, ao mesmo tempo, lhes teria tirado a atividade que devem desenvolver para adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores, encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua própria inferioridade, tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da Criação. Por outro lado, se os tivesse criado infalíveis, isto é, isentos da possibilidade de fazer o mal, eles fatalmente teriam sido impelidos ao bem, como mecânicos bem preparados que fizessem automaticamente obras de precisão. Mas, então, não mais livre-arbítrio e, por conseguinte, não mais independência; assemelhar-se-iam a esses homens que nascem com a fortuna feita e se julgam dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, quis Deus que tivessem o mérito de suas obras, a fim de terem direito à recompensa e desfrutarem a satisfação de haver conquistado suas próprias posições.

Sem a lei universal do progresso, aplicada a todos os seres, outra teria sido a ordem de coisas a estabelecer. Sem dúvida, Deus tinha a possibilidade. Por que não o fez? Teria feito melhor se tivesse agido de outro modo? Nesta hipótese, ter-se-ia enganado! Ora, se Deus pôde enganar-se, é que não é perfeito; se não é perfeito, não é Deus. Desde que não se o pode conceber sem a perfeição infinita, deve-se concluir que o que fez é o melhor; se

ainda não estamos aptos a compreender os seus motivos, por certo o poderemos mais tarde, num estado mais adiantado. Enquanto isto, se não podemos sondar as causas, podemos observar os efeitos e reconhecer que tudo no Universo é regido por leis harmônicas, cuja sabedoria e admirável providência confundem o nosso entendimento. Muito presunçoso, pois, seria aquele que pretendesse que Deus deveria ter regulado o mundo de outra maneira, pois isto significaria que, em seu lugar, teria feito melhor. Tais são os Espíritos, cujo orgulho e ingratidão Deus castiga, relegando-os a mundos inferiores, de onde só sairão quando, baixando a cabeça sob a mão que os fere, reconhecerem o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que seja voluntário e fruto de suas observações, razão por que os deixa livres e espera que, vencidos pelo próprio mal que a si atraem, se voltem para Ele.

A isto respondem: “Compreende-se que Deus não tenha criado os Espíritos perfeitos; mas, se julgou conveniente submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem os sujeitar a todas as misérias da vida? A rigor, compreende-se o sofrimento para o homem, em vista de suas faltas; mas os animais também sofrem; entredevoram-se; os grandes comem os pequenos. Há alguns cuja vida não passa de longo martírio; como nós, têm o livre-arbítrio ou agiram de modo a receber o castigo divino?”

Tal, ainda, a objeção que por vezes fazem e à qual os argumentos acima podem servir de resposta. A despeito disto, juntaremos algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição. Já que as vicissitudes originam-se da imperfeição, criar Espíritos perfeitamente felizes fora criá-los perfeitos.

A questão dos animais exige alguns desenvolvimentos. É incontestável que eles têm um princípio inteligente. De que natureza é este princípio? Que relações tem com o do homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo ao passar de uma espécie a outra? Qual o seu limite de progresso? Marcha paralelamente com o homem, ou é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores para, mais tarde, receber novas faculdades e sofrer a transformação humana? São outras tantas questões até hoje insolúveis; e se o véu que cobre esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos, é porque seria prematuro: o homem ainda não está maduro para receber toda a luz. É certo que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; assim, até nova ordem, não se pode considerá-las senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes a consagração, pois aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis por que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos entre si e que não sofram as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela elevação do pensamento e pelo alto alcance de seus ensinamentos, jamais entrando em contradição e não dizendo nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. É assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Tal não é ainda o caso da questão dos animais, razão por que não tomamos uma decisão. Até constatação mais séria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão com muita reserva, e esperar sua confirmação ou sua negação.

Em geral, nunca haveria excesso de prudência em relação a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos, desde a origem do Espiritismo que, entregues prematuramente à publicidade, só tiveram uma existência efêmera! Assim será com todas as que apenas tiverem caráter individual e não houverem passado pelo controle da concordância. Em nossa posição, recebendo comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados em diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais houve concordância. Foi esta observação que nos guiou até hoje e nos guiará igualmente nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, desde algum tempo, notamos nas comunicações, vindas de vários lados, tanto da França quanto do estrangeiro, uma tendência para entrarem numa via nova, por meio de revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, dadas muitas vezes em palavras veladas, passaram despercebidas por muitos dos que as obtiveram; muitos outros se acreditaram os únicos a recebê-las; tomadas isoladamente, para nós não teriam valor, mas a sua coincidência lhes dá alto prestígio, devendo ser julgadas mais tarde, quando chegar o momento de serem entregues à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle que devem ser usados; em muitos casos isto basta. Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, haveria presunção em crer-se infalível na apreciação das coisas. É, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova o ser feita em toda parte e ao mesmo tempo; assim ocorreu com as diversas partes da doutrina. Aí está a experiência para provar que todas as teorias audaciosas, dadas por Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios, sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral nem pôde suportar o controle da concordância; várias, até, caíram no ridículo, prova evidente de que não estavam com a verdade. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina.

Esta digressão afastou-nos um pouco do assunto, mas era útil para dar a conhecer de que maneira procedemos, no que respeita a teorias novas concernentes ao Espiritismo, que está longe de haver dado a última palavra sobre todas as coisas. Não as emitimos senão depois de terem recebido a sanção de que acabamos de falar, razão por que algumas pessoas, um tanto impacientes, surpreendem-se com o nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa virá a seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, venha de onde vier, pois conhecemos a sorte dos que querem ir muito depressa e têm em si mesmos e em suas próprias luzes uma excessiva confiança; não queremos colher um fruto antes que amadureça, mas – tenham certeza – quando estiver maduro, não o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, pouco nos resta dizer sobre a questão proposta, pois o ponto capital ainda não pôde ser resolvido.

Está provado que os animais sofrem. Mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência do Criador ou a uma falta de bondade de sua parte porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vê brilhar a sua solícitude pelas mais ínfimas criaturas? Não são os animais providos de meios de conservação apropriados ao ambiente em que devem viver? Não se vê sua pelagem desenvolver-se mais ou menos, conforme o clima? Seus órgãos de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos a vencer e aos inimigos a combater? Em presença de fatos tão multiplicados, cujas conseqüências só escapam ao olho do materialista, há fundamento em dizer que não existe Providência para eles? Não, certamente, embora nossa visão seja muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos rodeia, só nos deixa ver irregularidades aparentes; mas, quando

nos elevarmos, pelo pensamento, acima do horizonte terreno, tais irregularidades se apagarão diante da harmonia geral.

O que mais choca nesta observação localizada é a destruição de uns seres pelos outros. Já que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, forçoso é admitir que a mesma sabedoria presida ao que não compreendemos. Aliás, só exageramos a importância dessa destruição porque sempre a ligamos à matéria, consequência do estreito ponto de vista em que se coloca o homem. Em definitivo, só se destrói o envoltório; o princípio inteligente não é aniquilado; e o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem à de sua roupa. Esta destruição dos invólucros temporários é necessária à formação e manutenção de novos envoltórios, que se constituem com os mesmos elementos, sem que o princípio inteligente seja atingido, quer nos animais, quer no homem.

Resta o sofrimento, que por vezes leva à destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina e prova que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais também não tenha utilidade? que não seja, na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, uma causa de progresso? É verdade que isto não passa de hipótese, mas ao menos se apóia nos atributos de Deus: a justiça e a bondade, enquanto as outras são a sua negação.

Tendo a questão da criação dos seres perfeitos sido debatida em sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito Erasto ditou, a respeito, a seguinte comunicação:

SOBRE A NÃO-PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864

– Médium: Sr. d'Ambel)

Por que Deus não criou perfeitos todos os seres? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a

economia desta lei. Aquele que marcha está no movimento, isto é, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que por essência se acha estacionário, incontestavelmente não pertence à gradação ou à hierarquia humanitária. Explico-me, e me compreendereis facilmente. O homem que nasce numa posição mais ou menos elevada, acha em sua situação nativa um dado estado de ser. Pois bem! ele está certo de que se sua vida inteira se passasse nessa condição de ser, sem que lhe tivesse trazido modificações por sua ação ou pela de outrem, declararia que sua existência é monótona, enfadonha, fatigante, numa palavra, insuportável. Acrescento que ele teria perfeita razão, considerando-se que o bem só é bem relativamente ao que lhe é inferior. Isto é tão certo que se puserdes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progrida mais, em dado tempo ele achará sua existência insustentável e aquela morada um impiedoso inferno. Daí resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para frente, isto é, todo Espírito que é criado está inevitavelmente submetido a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a própria lei humana.

Só existe um ser perfeito e não pode existir senão um: Deus! Ora, pedir ao Ser Supremo a criação de Espíritos perfeitos, seria pedir-lhe que criasse algo semelhante e igual a Ele. Formular semelhante proposição não será condená-la previamente? Ó homens! por que perguntar sempre a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre de que só Deus pode ficar e viver na sua imobilidade gigantesca. Ele é o supra-sumo de todas as coisas, o alfa e o ômega de toda a vida. Ah! crede, meus filhos, jamais busqueis erguer o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da Criação não abordam sem estremecer. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação, tudo quanto vos posso afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus, ou do Criador, e que o homem e tudo que é criado têm, como atributo, a mobilidade. Compreendei, se puderdes compreender, ou então esperai que

chegue a hora de uma explicação mais inteligível, isto é, mais ao alcance do vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, pois apenas quis provar que não tinha ficado estranho à vossa discussão. Sobre todo o resto, reporto-me ao que foi dito, já que todos me pareceram da mesma opinião. Daqui a pouco falarei de outros casos que foram assinalados (os casos de Poitiers).

Erasto

Um Médium Pintor Cego

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, o Dr. C..., transmitiu-nos o seguinte fato:

“Eis um curioso exemplo da faculdade mediúnica aplicada ao desenho, e que se manifestou vários anos antes que fosse conhecido o Espiritismo, e mesmo antes das mesas girantes. Três semanas atrás, estando em Bressuire, explicava o Espiritismo e as relações dos homens com o mundo invisível a um advogado amigo meu, que dele não conhecia patavina. Ora, eis o fato que ele me contou como tendo grande relação com o que eu lhe dizia. Em 1849, disse ele, fui com um amigo visitar o vilarejo de Saint-Laurent-sur-Sèvres e seus dois conventos, um de homens, outro de mulheres. Fomos recebidos da maneira mais cordial possível pelo Padre Dallain, superior do primeiro e que também tinha autoridade sobre o segundo. Depois de ter visitado os dois conventos, ele nos disse: ‘Agora, senhores, quero vos mostrar uma das coisas mais curiosas do convento das mulheres.’ Mandou trazer um álbum onde, com efeito, admiramos aquarelas de grande perfeição. Eram flores, paisagens e marinhas. ‘Esses desenhos, tão bem reunidos’, disse-nos ele, ‘foram feitos por uma de nossas jovens religiosas que é cega.’ E eis o que nos contou de um encantador buquê de rosas,

com um botão azul: ‘Há algum tempo, em presença do marquês de La Rochejaquelein e de vários outros visitantes, chamei a religiosa cega e pedi-lhe que se pusesse a uma mesa para desenhar alguma coisa. Diluíram as tintas, deram-lhe papel, lápis, pincéis, e ela imediatamente começou a pintar o buquê que vedes. Durante o trabalho colocaram várias vezes um corpo opaco, ora um papelão, ora uma prancheta, entre seus olhos e o papel, mas o pincel continuou a trabalhar com a mesma calma e a mesma regularidade. À observação de que o buquê estava um pouco franzino, ela disse: ‘Pois bem! vou fazer sair um botão da haste deste ramo.’ Enquanto trabalhava nessa correção, substituíram o carmim de que se servia pelo azul; ela não percebeu a mudança e é por isso que vedes um botão azul.

“O abade Dallain”, acrescenta o narrador, “era tão notável por sua ciência e sua grande inteligência quanto por sua elevada piedade. Não encontrei ninguém que me tivesse inspirado mais simpatia e veneração.”

Em nossa opinião este fato não prova, de modo evidente, uma ação mediúnica. Pela linguagem da jovem cega, é certo que via, do contrário não teria dito: “Vou fazer sair um botão da haste deste ramo.” Mas o que não é menos certo é que ela não via pelos olhos, já que continuava seu trabalho, malgrado o obstáculo que interpunham à sua frente. Agia com conhecimento de causa e não maquinalmente, como um médium. Parece, pois, evidente que fosse dirigida pela *segunda vista*; via pelos olhos da alma, abstração feita dos do corpo; talvez até mesmo estivesse, de maneira permanente, num estado de sonambulismo desperto.

Fenômenos análogos foram observados muitas vezes, mas as pessoas se contentavam em os achar surpreendentes. Sua causa não podia ser descoberta, porque, ligados essencialmente à alma, fazia-se necessário, primeiro, reconhecer a existência da alma. Mas, mesmo admitido, este ponto ainda não era suficiente: faltava

o conhecimento das propriedades da alma e o das leis que regem suas relações com a matéria. O Espiritismo, ao nos revelar a existência do perispírito, deu-nos a conhecer, se assim nos podemos exprimir, a fisiologia dos Espíritos. Por aí nos foi dada a chave de uma imensidão de fenômenos incompreendidos, qualificados, em falta de melhores razões, de *sobrenaturais* por uns, e de *bizarrias da Natureza* por outros. Pode a Natureza ter bizzarrias? Não, porque bizzarrias são caprichos. Ora, sendo a Natureza obra de Deus, Deus não pode ter caprichos, sem o que nada seria estável no Universo. Se há uma regra sem exceção, certamente é a que rege as obras do Criador; as exceções seriam a destruição da harmonia universal. Todos os fenômenos se ligam a uma lei geral e uma coisa não nos parece bizzarra senão porque só observamos de um único ponto, ao passo que, se considerássemos o conjunto, reconheceríamos que a irregularidade daquele ponto é apenas aparente e depende de nosso limitado ponto de vista.

Isto posto, diremos que o fenômeno de que se trata não é maravilhoso nem excepcional. É o que vamos tentar explicar.

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos conceber a alma sem o seu invólucro fluídico, perispiritual. O princípio inteligente escapa completamente à nossa análise; só o conhecemos por suas manifestações, que se dão com o auxílio do perispírito. É pelo perispírito que a alma age, percebe e transmite. Desprendida do envoltório corporal, a alma ou Espírito ainda é um ser complexo. Ensina-nos a teoria, de acordo com a experiência, que a visão da alma, assim como todas as outras percepções, é um atributo do ser inteiro. No corpo é circunscrita ao órgão da visão, sendo-lhe preciso o concurso da luz; tudo quanto se acha no trajeto do raio luminoso o intercepta. Não é assim com o Espírito, para o qual não há obscuridade nem corpos opacos. A seguinte comparação pode ajudar a compreender esta diferença. A céu aberto, o homem recebe a luz por todos os lados; mergulhado no fluido luminoso, o horizonte visual se estende por

toda a volta. Se estiver encerrado numa caixa, na qual for feita uma pequena abertura, em seu redor tudo estará na obscuridade, salvo o ponto por onde lhe chega o raio luminoso. A visão do Espírito encarnado está neste último caso; a do Espírito desencarnado está no primeiro. Esta comparação é justa quanto ao efeito, mas não o é quanto à causa, porque a fonte de luz não é a mesma para o homem e para o Espírito, ou, melhor dizendo, não é a mesma luz que lhe dá a faculdade de ver.

Assim, a cega de que se trata via pela alma e não pelos olhos. Eis por que o anteparo colocado à frente do desenho não a incomodava mais do que incomodaria um vidente, ante os olhos do qual tivessem posto um cristal transparente. É também por isto que tanto podia desenhar de noite quanto de dia. Irradiando em torno dela, tudo penetrando, o fluido perispiritual levava a imagem, não à retina, mas à sua alma. Nesse estado, a visão abarca tudo? Não; ela pode ser geral ou especial, conforme a vontade do Espírito; pode ser limitada ao ponto onde ele concentra a sua atenção.

Mas, então, irão perguntar: por que ela não percebeu a substituição da cor? Primeiro pode ser que a atenção voltada para o lugar onde queria pôr a flor a tenha desviado da cor; aliás, é preciso considerar que a visão da alma não se opera pelo mesmo mecanismo que a visão corporal, e que, assim, há efeitos de que não nos poderíamos dar conta; depois, ainda é preciso notar que *nossas* cores são produzidas pela refração de *nossa* luz. Ora, sendo as propriedades do perispírito diferentes das de nossos fluidos ambientes, é provável que a refração aí não produza os mesmos efeitos; que as cores não tenham, para os Espíritos, as mesmas causas que para o encarnado. Assim ela podia, pelo pensamento, ver rosa o que nos parece azul. Sabe-se que o fenômeno da substituição das cores é muito freqüente na visão ordinária. O fato principal é o da visão bem constatada sem o concurso dos órgãos da visão. Como se vê, esse fato não implica ação mediúnica, mas, também, não exclui, em certos casos, a assistência de um Espírito

estranho. Essa jovem, pois, podia ou não ser médium, o que só um estudo mais atento teria podido revelar.

Uma pessoa cega que gozasse dessa faculdade seria um precioso objeto de observação. Mas, para tanto, teria sido necessário conhecer a fundo a teoria da alma, a do perispírito e, por conseguinte, o sonambulismo e o Espiritismo. Naquela época não se conheciam essas coisas; mesmo hoje, não seria nos meios onde as consideram como diabólicas que poderiam entregar-se a tais estudos. Também não é naqueles onde se nega a existência da alma que podem fazê-lo. Dia virá, sem dúvida, em que reconhecerão a existência de uma *física espiritual*, como começam a reconhecer a existência da *medicina espiritual*.

Variedades

UMA TENTACÃO

Conhecemos pessoalmente uma senhora, médium dotada de notável faculdade tiptológica: obtém facilmente e, o que é bastante raro, quase constantemente, coisas de precisão, como nome de lugares e de pessoas em diversas línguas, datas e fatos particulares, em presença dos quais a incredulidade foi confundida mais de uma vez. Essa senhora, inteiramente devotada à causa do Espiritismo, consagra todo o tempo disponível ao exercício de sua faculdade, com o objetivo de propaganda, e isto com um desinteresse tanto mais louvável quanto a sua posição de fortuna chega muito perto da mediocridade. Como o Espiritismo, para ela, é uma coisa séria, começa sempre por uma prece, dita com o maior recolhimento, para atrair o concurso dos Espíritos bons, rogar a Deus que afaste os maus, e termina assim: “Se eu for tentada a abusar, seja no que for, da faculdade que Deus houve por bem me conceder, peço-lhe que *ma retire*, antes que seja desviada de seu objetivo providencial.”

Certo dia, um rico estrangeiro – foi ele mesmo que nos narrou o fato – procurou essa senhora para lhe pedir que desse uma comunicação. Ele não tinha a menor noção do Espiritismo e ainda menos a crença. Pondo a carteira sobre a mesa, disse-lhe: “Senhora, eis aqui dez mil francos que vos dou, se disserdes o nome da pessoa em quem estou pensando.” Basta isto para mostrar onde chegava o seu conhecimento da doutrina. A respeito, fez-lhe a médium observações que todo espírita verdadeiro faria em semelhante caso. Mesmo assim, tentou, mas nada obteve. Ora, logo depois da partida desse senhor ela recebeu, para outras pessoas, comunicações muito mais difíceis e complicadas do que a que ele lhe havia pedido.

Para esse senhor o fato deveria ser, conforme lhe dissemos, uma prova da sinceridade e da boa-fé da médium, porque os charlatães sempre têm recursos à sua disposição, quando se trata de ganhar dinheiro. Mas do fato resultam vários ensinamentos de outra gravidade. Os Espíritos quiseram provar-lhe que não é com dinheiro que os fazem falar, quando não querem; além disso, provaram que se não tinham respondido à pergunta, não fora por impossibilidade da parte deles, já que disseram, depois, coisas mais difíceis a pessoas que nada ofereciam. A lição era maior ainda para o médium; era demonstrar-lhe sua absoluta impotência sem o concurso deles e lhe ensinar a humildade, porque, se os Espíritos tivessem estado às suas ordens, se bastasse a sua vontade para os fazer falar, era o caso de exercer o poder agora ou jamais.

Eis aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos na *Revista* de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que se acham os médiuns de contar com uma faculdade que poderia faltar-lhes no momento em que lhes fosse necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de o ter à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas a mediunidade não é um talento; só existe pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais

mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício está anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino.

O senhor em questão admirou-se que, tendo vindo para se convencer, os Espíritos não se tivessem prestado para tanto; A isto lhe respondemos que, se pode ser convencido, sê-lo-á por outros meios, que nada lhe custarão. Os Espíritos não quiseram que ele pudesse dizer que fora convencido a peso de ouro, porque se o ouro fosse necessário para convencer, o que fariam os que não podem pagar? É para que a crença possa penetrar nos mais humildes redutos que a mediunidade não é um privilégio; acha-se em toda parte, a fim de que todos, pobres e ricos, possam ter a consolação de se comunicar com os parentes e amigos do além-túmulo. Os Espíritos não quiseram que ele fosse convencido dessa maneira, porque o barulho que isto tivesse provocado teria falseado sua própria opinião e a de seus amigos quanto ao caráter essencialmente moral e religioso do Espiritismo. Eles não o quiseram no interesse do médium e dos médiuns em geral, cuja cupidez esse resultado teria superexcitado, porquanto diriam que se tiveram êxito naquela circunstância, podiam tê-lo igualmente em outras. Não é a primeira vez que foram feitas ofertas semelhantes, que prêmios são oferecidos, mas sempre sem sucesso, levando-se em conta que os Espíritos não dão o seu concurso nem se entregam a quem paga melhor.

Se essa senhora tivesse tido êxito, teria aceitado ou recusado? Ignoramos, porque dez mil francos são bastante sedutores, sobretudo em certas posições. Em todo o caso, a tentação foi grande. E quem sabe se a recusa não teria sido seguida de um pesar, que lhe tivesse atenuado o mérito? Notemos que, em sua prece, ela pede a Deus que lhe retire sua faculdade antes que seja tentada a desviá-la de seu objetivo providencial. Pois bem! Sua prece foi atendida; a mediunidade lhe foi retirada para esse caso especial, a fim de lhe poupar o perigo da tentação e todas as

conseqüências lamentáveis que se lhe teriam seguido, primeiro para ela própria, e depois pelo efeito deletério que isto teria produzido.

Mas não é só contra a cupidez que os médiuns devem resguardar-se. Como os há em todas as camadas da sociedade, a maioria está acima desta tentação; mas há um perigo muito maior, pois a ele todos estão expostos: o orgulho, que põe a perder tão grande número. É contra esse escolho que as mais belas faculdades muitas vezes vêm aniquilar-se. O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos Espíritos bons.

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS³

Os fatos que noticiamos em nosso último número, sobre os quais havíamos deixado pendente a nossa opinião, parecem incluir-se definitivamente na esfera dos fenômenos espíritas. Um exame atento das circunstâncias de detalhes não os permite confundir com atos de malevolência ou de esperteza. Parece difícil que pessoas mal-intencionadas pudessem escapar à atividade da vigilância exercida pela autoridade e, sobretudo, que possam agir no momento mesmo em que são espreitadas, sob os olhos daqueles que as buscam, aos quais, certamente, não falta boa vontade para as descobrir.

Tinham feito exorcismos, mas depois de alguns dias de suspensão, os barulhos recomeçaram com outro caráter. Eis o que a propósito disse o *Journal de la Vienne*, em seus números de 17 e 18 de fevereiro:

“Recordam-se que no mês de janeiro último, fazendo a sua solene aparição em Poitiers, os Espíritos batedores foram acampar na Rua Saint-Paul, na casa situada perto da antiga igreja do mesmo nome; mas sua estada entre nós tinha sido de curta duração e tinha-se o direito de pensar que tudo estava acabado, quando,

3 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

anteontem, os ruídos que tão fortemente haviam agitado a população se reproduziram com nova intensidade.

“Os diabos negros, pois, voltaram à casa da Srta. de O...; apenas não são mais Espíritos batedores, mas atiradores, agindo por meio de detonações formidáveis. Celebraremos sua festa no dia de Santa Bárbara, padroeira dos artilheiros. Sempre há os que se satisfazem com isto, as procissões de curiosos recomeçam e a polícia interroga todos os ecos para se guiar através do nevoeiro do outro mundo.

“Contudo, espera-se que desta vez se descubram os autores dessas mistificações de mau gosto e que a justiça saiba bem provar aos exploradores da credulidade humana que os melhores Espíritos não são os que fazem mais barulho, mas os que sabem calar e só falam o que convém.”

A. Piogeard

“Voltamos sempre à Rua Saint-Paul, sem poder penetrar o *mistério infernal*.

“Quando interrogamos uma pessoa que passeia com um ar preocupado diante da casa da Srta. de O..., invariavelmente ela responde: ‘De minha parte nada ouvi, mas alguém me disse que as detonações eram muito fortes.’ O que não deixa de ser muito embaraçoso para a solução do problema.

“Entretanto, é certo que os Espíritos possuem algumas peças de artilharia, inclusive de grosso calibre, porque o barulho resultante tem uma certa violência e dizem que se assemelha ao produzido por pequenas bombas.

“Mas, de onde vêm? Impossível até agora determinar a sua direção. Não provêm do subsolo, já que tiros de pistola dados no porão não se ouvem no primeiro andar.

“É, pois, nas regiões superiores que devem ser apanhados e, contudo, todos os processos indicados pela Ciência ou pela experiência para atingir esse resultado foram impotentes.

“Dever-se-ia, então, concluir que os Espíritos possam impunemente atirar sua pólvora nos pardais e perturbar o repouso dos cidadãos sem que seja possível alcançá-los? Esta solução seria muito rigorosa; com efeito, por certos processos, ou em virtude de alguns acidentes de terreno, podem produzir-se efeitos que, à primeira vista, surpreendem, mas dos quais se admiram, mais tarde, por não haverem compreendido o mecanismo elementar. São sempre as coisas mais simples que escapam à apreciação do homem.

“Somos fortemente levados a crer que, se os atiradores do outro mundo neste momento têm ao seu lado os que riem, estão longe de ser inatingíveis. Que se convençam os mistificadores: os mistificados terão sua vez.”

A. Piogear

O Sr. Piogear parece se debater singularmente contra a evidência. Dir-se-ia que, sem o saber, uma dúvida se insinua em seu pensamento; que teme uma solução contrária às suas idéias; numa palavra, dá-nos a impressão dessas pessoas que, recebendo uma má notícia, exclamam: “Não, isto não; isto é impossível; não posso acreditar!” e que tapam os olhos para não ver, a fim de poderem afirmar que nada viram. Por um dos parágrafos acima, parece lançar dúvida sobre a própria realidade dos ruídos, porque, em sua opinião, todos aqueles a quem interroga dizem nada ter ouvido. Se ninguém ouviu, não compreendemos por que tanto rumor, pois não haveria mal-intencionados nem Espíritos.

Num terceiro artigo sem assinatura e que o jornal diz ser o último, ele dá, enfim, a solução desse problema. Se os interessados não a julgarem categórica, será sua falta e não dele.

“Desde algum tempo temos recebido cartas, em cada correio, quer de nossos assinantes, quer de pessoas estranhas ao Departamento, nas quais nos pedem informações mais circunstanciadas sobre as cenas cujo teatro é a casa de O... Dissemos tudo quanto sabíamos; repetimos em nosso jornal tudo quanto se diz em Poitiers a esse respeito. Já que nossas explicações não pareceram completas, eis, pela última vez, nossa resposta às perguntas que nos são dirigidas:

“É perfeitamente certo que ruídos *singulares* são ouvidos todas as noites, de seis horas à meia-noite, na Rua Saint-Paul, na casa de O... Esses ruídos assemelham-se aos produzidos por descargas sucessivas de uma espingarda de dois canos; abalam as portas, as janelas e os tabiques. Não se percebe luz nem fumaça; não se sente nenhum odor. Os fatos foram constatados pelas pessoas mais dignas de fé de nossa cidade e por inquéritos da polícia, a pedido da família do Sr. conde de O...

“Existe em Poitiers uma associação de espiritistas; mas, a despeito da opinião do Sr. D..., que nos escreve de Marselha, não veio ao pensamento de nenhum dos nossos concidadãos, muito espirituosos para isto, que os espíritas tivessem algo a ver com a *aparição dos fenômenos*. O Sr. H..., de Orange, acredita em causas físicas, em gases que se desprendem de um antigo cemitério, sobre o qual teria sido construída a casa de O... Mas a casa é construída sobre a rocha e não existe nenhum subterrâneo que com ela se comunique.

“Por nossa conta, pensamos que fatos estranhos e ainda inexplicados, há mais de um mês perturbando o repouso de uma família honrada, não ficarão sempre no estado de mistério. Cremos numa fraude muito habilidosa e esperamos ver em breve os fantasmas da Rua Saint-Paul entrando na polícia correcional.”

A JOVEM OBSEDADA DE MARMANDE

(Continuação)

No número anterior relatamos a notável cura obtida por meio da prece, pelos espíritas de Marmande, de uma mocinha obsedada dessa cidade. Uma carta posterior confirma o resultado da cura, hoje completa. O semblante da jovem, alterado por oito meses de torturas, retomou seu viço, seu bom aspecto e sua serenidade.

Seja qual for a opinião que se tenha, a idéia que se faça do Espiritismo, qualquer pessoa animada de sincero amor do próximo deve ter-se alegrado de ver a tranqüilidade voltar a essa família, e o contentamento substituir a aflição. É lamentável que o Sr. cura da paróquia não tenha julgado dever associar-se a esse sentimento, e que a circunstância lhe tenha fornecido o texto de um sermão pouco evangélico numa de suas prédicas. Suas palavras, ditas em público, são do domínio da publicidade. Se ele se tivesse limitado a uma crítica leal da doutrina conforme seu ponto de vista, disso não falaríamos; mas julgamos dever refutar os ataques dirigidos contra pessoas muito respeitáveis, por ele tratadas de saltimbancos, a propósito do fato acima.

Disse ele: “Assim, o primeiro *engraxate que vier* poderá, então, se for médium, evocar um membro de uma família honrada, enquanto ninguém da família poderá fazê-lo? Não acrediteis nestes absurdos, meus irmãos; isto é trapaça, é tolice. De fato, que vedes nessas reuniões? Carpinteiros, marceneiros, que sei mais?... Algumas pessoas me perguntaram se eu havia contribuído para a cura da moça. Não, respondi-lhes; nada tenho a ver com isto; não sou médico”.

“Não vejo nisso”, dizia aos parentes, “senão uma afecção orgânica da alçada da Medicina”, acrescentando que se tivesse julgado que as preces pudessem operar algum alívio, ele as teria feito desde muito tempo.

Se o Sr. cura não crê na eficácia das preces em caso semelhante, agiu bem em não as fazer. Daí se pode concluir que, como homem consciencioso, se os pais lhe tivessem vindo pedir missas pela cura da jovem, teria recusado o pagamento, porque, caso o aceitasse, ter-se-ia feito pagar por uma coisa que considerava sem valor. Os espíritas crêem na eficácia da prece pelos doentes e nas obsessões; oravam, curavam e nada cobravam; mais ainda: se os pais estivessem passando necessidades, eles os teriam assistido. Diz ele: “São charlatães e saltimbancos.” Desde quando se viu charlatães trabalhando de graça? Fizeram a doente usar amuletos? Fizeram sinais cabalísticos? Pronunciaram palavras sacramentais, atribuindo-lhes uma virtude eficaz? Não, pois o Espiritismo condena toda prática supersticiosa; oravam com fervor, em comunhão de pensamento; essas preces eram malabarismos? Aparentemente não; já que tiveram êxito, é porque foram ouvidas.

Que o Sr. cura trate o Espiritismo e as evocações de absurdos e tolices é direito seu, se tal é sua opinião; ninguém tem nada com isto. Mas quando, para denegrir as reuniões espíritas, diz que aí só se vêem carpinteiros, marceneiros, etc., não é apresentar essas profissões como degradantes e os que as exercem como gente desprezível? Então esqueceis, Sr. cura, que Jesus era carpinteiro e que seus apóstolos eram todos pobres artesãos ou pescadores. Será evangélico lançar do alto do púlpito o desdém sobre a classe dos trabalhadores que Jesus quis honrar, nascendo entre eles? Compreendestes o alcance de vossas palavras, quando dissestes: “O primeiro engraxate que vier poderá, então, se for médium, evocar um membro de uma família honrada?” Então desprezais esse pobre engraxate, quando limpa os vossos sapatos? Ora vejam! Porque sua posição é humilde não o achais digno de evocar a alma de uma nobre personagem? Então temeis que essa alma se macule, quando, para ela, se erguerem ao céu mãos enegrecidas pelo trabalho? Então credes que Deus faça diferença entre a alma do rico e a do pobre? Não disse Jesus: Amai o próximo como a vós mesmos? Ora, amar o próximo como a si mesmo é não fazer

nenhuma diferença entre si mesmo e o próximo; é a consagração do princípio: Todos os homens são irmãos, porque são filhos de Deus. Receberá Deus com mais distinção a alma do grande que a do pequeno? a do homem a quem fazeis um serviço pomposo, pago largamente, que a do infeliz, ao qual não concedeis senão as mais curtas preces? Falais do ponto de vista exclusivamente mundano e esqueceis que Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo; lá não existem mais as distinções da Terra; lá os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos? Quando disse: “Há várias moradas na casa de meu pai”, significa que há uma para o rico e uma para o proletário? uma para o senhor e outra para o servo? Não; mas que há uma para o humilde e outra para o orgulhoso, pois ele disse: “Que aquele que quiser ser o primeiro no céu seja o servo de seus irmãos na Terra.” Então compete a esses a quem chamais profanos, vos lembrar o Evangelho?

Senhor cura, em qualquer circunstância tais palavras seriam pouco caridosas, sobretudo no templo do Senhor, onde só deveriam ser pregadas palavras de paz e de união entre todos os membros da grande família. No estado atual da sociedade são uma inabilidade, porque semeiam o fermento do antagonismo. Que tivésseis dito tais palavras numa época em que os servos, habituados a humilhar-se, se julgavam uma raça inferior, porque lho haviam dito, é compreensível; mas na França de hoje, em que todo homem honesto tem direito de levantar a cabeça, seja plebeu, seja patricio, é um anacronismo.

Se, como é provável, havia carpinteiros no auditório, marceneiros e engraxates, devem ter sido pouco tocados pelo sermão. Quanto aos espíritas, sabemos que pediram a Deus que perdoasse ao orador as suas palavras imprudentes, e que eles mesmos perdoaram ao que lhes dizia *Raca*. É o conselho que damos a todos os irmãos.

RESUMO DA PASTORAL DO SR. BISPO DE ESTRASBURGO

Citamos pura e simplesmente a passagem dessa pastoral concernente ao Espiritismo, sem comentários e reflexões. Ao dar sua opinião a respeito, do ponto de vista teológico, o Sr. bispo está no seu direito e, desde que só ataca a coisa e não as pessoas, nada há a dizer. Só haveria que discutir sua teoria, o que já foi feito tantas vezes, sendo supérfluo repetir-se, tanto mais quando não encontramos nenhum argumento novo. Nós a submetemos aos nossos leitores, a fim de que todos possam tomar conhecimento e tirar o proveito que bem entenderem.

“O demônio oculta-se de todas as formas possíveis, para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens, para continuar sua obra de sedução. No paraíso ele se disfarçou de serpente; se for preciso, ou se puder contribuir para a realização de seus projetos, transformar-se-á em anjo de luz, como o provam mil exemplos consignados na História.

“Em época mais recente, o demônio chegou a retirar do arsenal do inferno armas usadas e cobertas de ferrugem, de que se havia servido em tempos mais recuados, particularmente no segundo e terceiro séculos, para combater o Cristianismo. As mesas girantes, os Espíritos batedores, as evocações, etc., são outros tantos artifícios, e Deus os permite para castigo dos homens ímpios, curiosos e levianos. Se os maus gênios, como o asseguram as santas Escrituras, saturam o ar; se se unem aos homens em seus corpos e em suas almas (vede o livro de Job e muitas outras passagens da Escritura); se podem fazer falar um pau, uma pedra, uma serpente, cabras, uma jumenta; se, perto do lago de Genesaré recebem, a seu próprio pedido, permissão de entrar em animais imundos, também lhes é possível falar por meio das mesas, escrever com o pé de uma mesa ou de uma cadeira, adotar a linguagem e imitar a voz dos mortos e ausentes, contar coisas que nos são desconhecidas ou que nos pareçam impossíveis, mas que, como Espíritos, podem ver e ouvir. Infelizes, pois, os insensatos, ociosos,

imprevidentes e criminosamente discretos, que buscam seu passatempo nesse malabarismo diabólico, que não temem recorrer a meios supersticiosos e proibidos, para chegarem ao conhecimento do futuro e de outros mistérios que o demônio ignora ou só conhece imperfeitamente! Quem ama o perigo perecerá no perigo; quem brinca com serpentes venenosas não escapará de seu dardo mortífero; quem se precipita nas chamas será reduzido a cinzas; quem busca a sociedade dos mentirosos e dos velhacos, necessariamente se tornará sua vítima. É um comércio com os anjos maus, ao qual os profetas do Antigo Testamento dão um nome que não se leva de boa vontade a um púlpito cristão. Quando se fazem essas evocações, o Espírito maligno bem poderá dizer, inicialmente, uma ou outra verdade, e falar conforme o desejo dos curiosos, a fim de lhes ganhar a confiança. Mas as pessoas impacientes de penetrar mistérios são seduzidas, deslumbradas; então se aproxima de seus lábios a taça envenenada; enchem-nas com toda a sorte de mentiras e de impiedades, despojam-nas de todos os princípios cristãos, de todos os sentimentos piedosos. Feliz o que percebe a tempo que caiu em mãos diabólicas e pode, com o auxílio de Deus, resistir aos laços com que ia ser carregado!...”

Enquanto os nossos antagonistas ficarem no terreno da discussão teológica, convidamos os irmãos que nos queiram escutar a abster-se de qualquer recriminação, porque a liberdade de opinião tanto deve existir para eles quanto para nós. O Espiritismo não se impõe: aceita-se; dá as suas razões e não acha mau que as combatam, desde que seja com armas leais, confiando no bom-senso do público para decidir. Se repousar na verdade, triunfará a despeito de tudo; se seus argumentos forem falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; quer o livre exame; sua propaganda se faz dizendo: vede os prós e os contras; julgai o que melhor satisfaz o vosso julgamento, o que corresponde melhor às vossas esperanças e aspirações, o que mais vos toca o coração, e decidi-vos com conhecimento de causa.

Censurando nos adversários a inconveniência de palavras e o personalismo, os espíritas não devem incorrer na mesma falta; a moderação mostrou seu valor; nós os instamos a que não fujam disto. Em nome dos princípios espíritas e no interesse da causa, não nos solidarizamos com polêmicas agressivas e inconvenientes, venham de onde vierem.

Ao lado de alguns fatos lamentáveis, como o de Marmande, poderíamos citar um bom número de outros de caráter diverso, se não temêssemos contrariar os seus autores, razão por que só fazemos com a maior reserva.

Uma senhora que conhecemos pessoalmente, bom médium e, como o marido, fervorosa espírita, estava, há seis meses, à beira da morte; hauria na crença e na fé no futuro uma consoladora resignação nesse momento supremo, que via aproximar-se sem medo. A seu pedido, o cura da paróquia, ancião respeitável, lhe veio administrar os sacramentos. Disse ela: “Sabeis que somos espíritas. A despeito disto, dar-me-eis os sacramentos da Igreja? – Por que não? respondeu o bom cura; esta crença vos consola; torna-vos a ambos piedosos e caridosos. Não vejo mal nisso. Conheço *O Livro dos Espíritos*. Não direi que me tenha convencido em todos os pontos, mas contém a moral que todo cristão deve seguir e não vos censuro por o ler. Apenas se há Espíritos bons, também os há maus. É contra estes que vos deveis resguardar e vos empenhar em distinguir. Aliás, vede, minha filha, a verdadeira religião consiste na prece de coração e na prática das boas obras. Tendes fé em Deus, orais com fervor, assistis o vosso próximo tanto quanto podeis; posso, pois, vos dar a absolvição.”

UMA RAINHA MÉDIUM

Não teríamos tomado a iniciativa de publicar o fato seguinte; desde, porém, que foi reproduzido em diversos jornais, entre outros o *Opinion nationale* e o *Siècle*, de 22 de fevereiro de

1864, conforme o *Bulletin diplomatique*, não vemos motivo algum para nos abstermos.

“Uma carta procedente de pessoa bem informada revela que, recentemente, num conselho privado, onde era examinada a questão dinamarquesa, a rainha (Vitória) declarou que nada faria sem consultar o *príncipe Alberto*. E, com efeito, depois de se ter recolhido por algum tempo em seu gabinete, voltou dizendo que o príncipe se pronunciara contra a guerra. Esse fato, e *outros semelhantes* transpiraram e deram origem à idéia de que seria oportuno estabelecer uma regência.”

Tínhamos, pois, razão quando escrevemos que o Espiritismo tem adeptos até nos degraus dos tronos. Poderíamos ter dito: até nos tronos. Vê-se, porém, que os próprios soberanos não escapam à qualificação dada aos que acreditam nas comunicações de além-túmulo. Os espíritas, que são tratados como loucos, devem consolar-se por estarem em tão boa companhia. Assim, o contágio é muito grande, pois sobe tanto! Entre os príncipes estrangeiros sabemos de bom número que tem esta suposta fraqueza, pois alguns fazem parte da Sociedade Espírita de Paris. Como querem que a idéia não penetre a sociedade inteira, quando parte de todos os níveis da escala?

Por aí o Sr. cura de Marmande pode ver que não há médiuns só entre os engraxates.

O *Journal de Poitiers*, que relata o mesmo caso, o faz acompanhar desta reflexão:

“Cair assim no domínio dos Espíritos não é abandonar o das únicas realidades que têm direito de conduzir o mundo?”

Até certo ponto concordamos com a opinião do jornal, mas de outro ponto de vista. Para ele os Espíritos não são realidades, porque, segundo certas pessoas, só há realidade no que

se vê e se toca. Ora, sendo assim, Deus não seria uma realidade e, no entanto, quem ousaria dizer que ele não conduz o mundo? que não há acontecimentos providenciais para levar a um determinado resultado? Pois bem! os Espíritos são os instrumentos de sua vontade; inspiram os homens, solicitam-nos, mau grado seu, a fazerem tal ou qual coisa, a agirem num sentido e não em outro, e isto tanto nas grandes resoluções quanto nas circunstâncias da vida privada. Sob esse aspecto, portanto, não somos da opinião do jornal.

Se os Espíritos inspiram de maneira oculta, é para deixar ao homem o livre-arbítrio e a responsabilidade de seus atos. Se receber inspiração de um Espírito mau, pode estar *certo* de receber, ao mesmo tempo, a de um bom, pois Deus jamais deixa o homem sem defesa contra as más sugestões. Cabe a ele pesar e decidir conforme a sua consciência.

Nas comunicações ostensivas por via mediúnica não deve mais o homem renunciar ao livre-arbítrio; seria erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e atitudes pelo conselho dos Espíritos, porque existem os que ainda podem ter idéias e preconceitos da vida. Só os Espíritos superiores disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando eram vivos; então se pode avaliar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons jamais se recusam a isso; os que repelem qualquer exame, que exigem submissão absoluta, provam que contam pouco com a excelência de suas razões para convencer e devem ser tidos por suspeitos.

Em princípio, os Espíritos não nos vêm guiar como a uma criança; o objetivo de suas instruções é tornar-nos melhores, dar fé aos que não a têm e não *o de nos poupar o trabalho de pensar por nós mesmos*.

Eis o que não sabem os que criticam as relações de além-túmulo; acham-nas absurdas, porque as julgam conforme

suas idéias, e não consoante a realidade, que desconhecem. Também não se deve julgar as manifestações pelo abuso ou pelas falsas aplicações que delas possam fazer algumas pessoas, assim como não seria racional julgar a religião pelos maus sacerdotes. Ora, para saber se há boa ou má aplicação de uma coisa, deve-se conhecê-la, não superficialmente, mas a fundo. Se fordes a um concerto para saber se a música é boa e se os músicos a executam bem, antes de tudo é preciso saibais música.

Isto posto, pode servir de base para apreciar o fato de que se trata. Censurariam a rainha se ela tivesse dito: “Senhores, o caso é grave, permiti que me recolha um instante e peça a Deus que me inspire na resolução que devo tomar?” O príncipe não é Deus, é verdade; mas como ela é piedosa, é provável que tenha pedido a Deus que inspirasse a resposta do príncipe, o que dá no mesmo. Ela o fez agir como intermediário, em razão da afeição que lhe tem.

As coisas podem ainda ter-se passado de outra maneira. Se, em vida do príncipe, a rainha tinha o hábito de nada fazer sem o consultar, morto ele, ela pergunta a sua opinião como se ele estivesse vivo, e não *porque seja um Espírito*, pois, para ela, ele não está morto; está sempre ao seu lado; é seu guia, seu conselheiro officioso; não há entre ambos senão um corpo de menos. Se o príncipe vivesse, ela teria feito o mesmo; assim, não há nenhuma mudança em seu modo de agir.

Agora, era boa ou má a política do príncipe-Espírito? É o que não nos cabe examinar. O que devemos refutar é a opinião daqueles a quem parece bizarro, pueril, estúpido mesmo, que uma pessoa de bom-senso possa crer na realidade de quem não tem mais corpo, porque lhes agrada pensar que eles próprios, quando estiverem mortos, não serão mais absolutamente nada. A seus olhos a rainha não praticou um ato mais sensato do que se tivesse dito: “Senhores, vou interrogar minhas cartas, ou um astrólogo.”

Se esse fato é de somenos importância para a política, o mesmo não se dá do ponto de vista espírita, pela repercussão que teve. Sem dúvida a rainha podia abster-se de dar o motivo de sua ausência e que tal era o conselho do príncipe. Dizê-lo numa circunstância tão solene era, de certa forma, confessar publicamente a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e reconhecer-se médium. Ora, quando tal exemplo vem de uma cabeça coroada, pode bem encorajar a opinião dos que estão menos altamente colocados.

Só podemos admirar a fecundidade dos meios empregados pelos Espíritos para obrigar os incrédulos a falar do Espiritismo e fazer sua idéia penetrar em todas as camadas da sociedade. Nesta circunstância, eles são obrigados a criticar com cautela.

PARTICIPAÇÃO ESPÍRITA

Recebemos do Havre uma participação de falecimento com esta subscrição:

“Rogamos

“Que Deus Todo-Poderoso e misericordioso e os *Espíritos bons* se dignem acolhê-la favoravelmente.”

“A carta trazia a menção: ‘Munida dos sacramentos da Igreja’.”

É a primeira vez, ao menos do nosso conhecimento, que semelhante profissão de fé pública tenha sido feita em semelhante circunstância. Deve-se ser grato à família pelo bom exemplo que acaba de dar. Em geral poucas pessoas, à exceção dos parentes mais próximos, levam em conta o pedido, contido na participação, de orar pelo defunto. Estamos convencidos de que todos os espíritos, mesmo estranhos à família, que a tiverem

recebido, terão considerado como um dever cumprir o voto aí expresso. Para eles a prece não é uma fórmula banal; sabem a influência que exerce, no momento da morte, sobre o desprendimento da alma.

O SR. HOME EM ROMA

(Conclusão)

A ordem que tinha sido dada ao Sr. Home pelas autoridades pontifícias, de deixar Roma em três dias, tinha sido revogada, como vimos em nosso último número. Mas não se reprime o medo e mudaram de idéia; a licença de permanência foi retirada definitivamente, obrigando o Sr. Home, sob a acusação de feitiçaria, a partir imediatamente. É bom dizer que as batidas e o levantamento da mesa durante o interrogatório, que tínhamos relatado em forma dubitativa, pois não tínhamos certeza, são exatos. Isto devia ser um motivo a mais para pensar que o Sr. Home trazia consigo o diabo a Roma, onde jamais havia penetrado, ao que parece. Ei-lo, pois, bem e devidamente convicto, pelo governo romano, de ser um feiticeiro; não um feiticeiro para rir, mas um verdadeiro feiticeiro, pois, do contrário, não teriam levado a coisa a sério. Tivemos sob os olhos o longo interrogatório a que o submeteram, e a leitura, pela forma das perguntas, levou-nos involuntariamente aos tempos de Joana d'Arc; só faltava o desfecho comum da época para essas espécies de acusação. Os jornais brincalhões admiram-se de que no século dezenove ainda acreditem em feiticeiros. É que há pessoas que dormem o sono de Epimênides há quatro séculos. Aliás, como não acreditaria o povo, quando sua existência é atestada pela autoridade que a deve conhecer melhor, já que mandou queimar tanta gente? É preciso ser céptico como um jornalista para não se render a uma prova tão evidente. O que é mais surpreendente é que se façam reviver os feiticeiros nos espíritas, logo eles que vêm provar, com as peças nas mãos, que não há feiticeiros nem maravilhoso, mas apenas leis naturais.

Instruções dos Espíritos

JACQUARD E VAUCANSON

Nota – O Sr. Leymaric, nosso colega, tendo certo dia levantado mais cedo que de costume e levado por uma força involuntária, sentiu-se induzido a escrever e obteve a seguinte dissertação espontânea:

Uma geração de operários amaldiçoou meu nome. Tinham razão? Estavam errados? Ah! o futuro deveria responder.

Eu tinha uma idéia fixa: a de aperfeiçoar e, sobretudo, economizar, suprimindo algumas mãos; como Vaucanson, eu queria simplificar o tear, que tomava a criança em baixa idade para dela fazer um pária singular, pálida, mirrada, débil, ar abobalhado, de linguagem burlesca, e que formava uma população à parte em minha cidade natal.

Meu Espírito vivia em contínua tensão; eu dormia para achar, ao despertar, um novo plano; em vez de imagens e sentimentos, meu pensamento era uma engrenagem, um cilindro, molas, polias, alavancas; em meus sonhos aparecia-me o meu anjo-da-guarda, que punha em movimento todas as minhas inspirações, todas as obras das mãos do homem. Haviam dito com razão: “Os mecânicos são os poetas da matéria.” As mais belas máquinas saíram prontas e acabadas do cérebro de um operário; as noções de mecânica que ele não possui, criou-as de novo; a paciência e a imaginação são os seus únicos recursos. Na verdade é uma inspiração dos Espíritos bons, desprezada pelas academias ou cientistas de profissão; mas não é menos certo que se Arquimedes e Vaucanson são os gênios da mecânica, os Virgílios, se quiserdes, não passam dessa paciência, aliada a uma viva imaginação, que cria todas as descobertas com que se honra a Humanidade; e isto por quem? Por monges, ceramistas, cardadores de lã, pastores, marinheiros, um operário da seda, um ferreiro ignorante.

Humilde operário, eu não era um gênio, mas, como tantos outros, um predestinado, chamado a simplificar um tear que amputava os membros, abreviando a vida de milhares de crianças. Suprimi um suplício físico; servindo à indústria, servi ao gênero humano.

Deve-se admirar a Providência, que se serve do pobre Jacquard para transformar um tear que alimenta milhares, que digo eu? milhões de homens na Terra; e é um inseto, cujo túmulo assalaria, transforma e nutre dois quintos do globo. Deus não é um mecânico maravilhoso? Criou o bicho da seda, esse engenhoso artista, no qual fez encontrar o mais vasto problema de economia política. Que ensinamento para os orgulhosos e os indiferentes!

Questão de máquinas! terrível questão! Cada invenção arranca a ferramenta e o pão de populações inteiras; o inventor é, pois, um inimigo próximo e um benfeitor distante; decuplica o poder da arte e da indústria; multiplica o trabalho no futuro; merece bem da Humanidade, mas, também, não causa um mal no presente? O primeiro inventor da máquina de fiar destruiu o recurso de muita gente. Quem fiava a matéria bruta senão a mãe de família, a pastora, as velhas? Por mínimo que fosse o seu salário, ao menos as vestia, as fazia viver de alguma maneira.

Semelhantes aos inventores de verdades religiosas, políticas ou morais, os inventores de máquinas revolucionam a matéria; precursores do futuro, abrem violentamente seu caminho através dos interesses, espezinhando o passado; assim, esperando uma recompensa longínqua, são amaldiçoados por seus concidadãos.

Pobre Humanidade! És estúpida se te deténs, cruel se avanças. Conforme Deus, não debes ficar estacionária, se não quiseses perpetuar o mal; mas, para fazer o bem, és revolucionária a despeito de tudo.

E é por isto que neste tempo de transição Deus vos diz: Sede espíritas, isto é, profundamente imbuídos de iniciativa moral e desinteressada, isto é, prestes a todos os sacrifícios, a fim de que vossa assistência se realize.

Como o bicho da seda, rastejei penosamente, sustentado pelos Espíritos bons; como ele, construi o meu casulo, dando tudo o que tinha; como ele, meus contemporâneos me desprezaram; mas, também, como ele, o Espírito renasce das cinzas para viver verdadeiramente e admirar esse mecânico dos mundos, esse Deus de luz e de bondade, que quis mostrar à minha cidade natal esse Espírito de verdade que a vivifica e a consola.

Jacquard

Depois de lida esta comunicação na Sociedade de Paris, na sessão de 12 de fevereiro de 1864, evocou-se o Espírito Jacquard, ao qual foram dirigidas as perguntas que se seguem, com as seguintes respostas.

**(Sociedade Espírita de Paris, 12 de fevereiro de 1864
– Médiun: Sr. Leymarie)**

Pergunta – Sem dúvida já deveis ter dado comunicações em Lyon; no entanto, não me lembro de ter visto comunicações vossas. Como foi que viestes dar a dissertação, que acabamos de ler, ao Sr. Leymarie, em Paris, e não em um dos centros espíritas de Lyon? Por que o Sr. Leymarie foi, de certo modo, constrangido a levantar-se bem cedo para escrever a comunicação? Enfim, que pensais do Espiritismo em Lyon?

Resposta – É natural que me tenha comunicado tanto em Paris quanto em minha cidade natal, porque os pais do médium são lioneses e, particularmente, porque conheci o seu avô, que me prestou importante serviço em circunstância excepcional. E depois, o médium me foi designado pelo Espírito de seu avô, que realiza no mundo dos Espíritos uma missão idêntica à minha. E como essa

missão me deixa alguns instantes livres, julguei não abusar do sono do médium, cujo devotamento, como o de tantos outros, é dedicado à causa a que serve.

Também desejava que meus compatriotas tivessem notícias minhas pela *Revista Espírita*. Estando sempre junto a eles, partilhando de suas alegrias e tristezas, não cessando de lhes dizer: “Amái-vos e vos estimái”, eu queria, unindo a minha a outras vozes mais influentes, estimulá-los, nesse momento de desemprego e de dificuldade, a se prepararem contra as eventualidades, contra o inimigo.

Por Lyon podeis compreender o que pode o Espiritismo interpretado com bom-senso. Em que se tornaram as violências do passado, essas recriminações injustas, essas rebeliões que ensangüentaram a colméia lionesa? E esses cabarés, outrora testemunhas de cenas licenciosas, por que hoje se esvaziam? É que a família retomou seus direitos por toda parte onde penetrou o Espiritismo e se fez sentir a sua influência benéfica; e por toda parte os operários espíritas retornaram à esperança, à ordem, ao trabalho inteligente, ao desejo de bem fazer, à vontade de progredir.

Em meu tempo foi a minha invenção que, não mais tornando o tecelão escravo da máquina, pôde regenerar todo um mundo de trabalhadores; e, por sua vez, é o Espiritismo que transforma o espírito dessa população, dando-lhe a verdadeira iniciação à vida; é toda uma legião de Espíritos bons que vêm abrir os olhos à inteligência e ao amor corações até então pervertidos.

Hoje o Espiritismo entra em nova fase, pois é tempo das aspirações generosas. A burguesia, ainda submetida ao alto clero, fica como espectadora do combate pacífico que a idéia nova oferece ao *non possumus* do passado. E todos esperam o fim da batalha, a fim de se colocarem ao lado dos vencedores.

Assim, caros compatriotas, escutai e segui os conselhos de Allan Kardec: são os de vossos Espíritos protetores. É por eles que afastareis o perigo das colisões e, mesmo, das coalizões. Quanto mais humildes e sérios, tanto mais fortes sereis. Os arrogantes arriarão a bandeira diante da verdade que os ofuscará; é então que se dará a transformação espiritual dessa grande cidade, que todos amamos e que quer bem particularmente à Sociedade Espírita de Paris, por sua fé no futuro e as boas esperanças que soube realizar.

Jacquard

Na mesma sessão, enquanto Jacquard escrevia a comunicação que acabamos de ler, outro médium, o Sr. d'Ambel, obtinha outra sobre o mesmo assunto, assinada pelo Espírito Vaucanson.

OBJETIVO FINAL DO HOMEM NA TERRA

Outrora os homens eram atrelados à charrua e sacrificados em trabalhos gigantescos. A construção das muralhas da Babilônia, onde vários carros marchavam lado a lado, a edificação das Pirâmides e a instalação da Esfinge custaram mais de dez batalhas sangrentas. Mais tarde os animais foram subjugados juntamente com os homens e vimos, na jovem Lutécia, bois atrelados arrastarem o carro onde se refestelavam os reis indolentes da segunda raça.

Este preâmbulo tem por objetivo mostrar aos que nos ouvem, que todas as perguntas feitas neste simpático centro aos Espíritos têm sua solução, por um ou outro de nós. Esse caro Jacquard, essa glória do tear, esse artesão engenhoso que caiu como um valente soldado no campo de honra do trabalho, tratou um lado das questões econômicas que se ligam ao labor humanitário. Ele me pôs um pouco em causa; falando das modificações que eu tinha feito na arte do tecelão, chamou-me, a bem dizer, para fazer a

minha parte nesse concerto espiritual. Eis por que, encontrando entre vós um médium, como eu nascido na velha cidade dos Allobroges, esta rainha do Grésivaudan, dele me apodero com a permissão de seus guias habituais e venho completar por uma parte a exposição que meu ilustre amigo de Lyon vos deu por outro médium.

Em sua dissertação, aliás muito notável, ainda exprime certas queixas que, sob o inventor, descobrem o operário cioso de seu ganha-pão e temeroso do desemprego homicida; sente-se que o pai de família se apavora com a suspensão do trabalho, do qual depende a vida dos seus; adivinha-se o cidadão que freme ante o desastre que pode atingir a maioria de seus compatriotas. Na verdade esse sentimento é dos mais honrosos, mas denota um ponto de vista de certa estreiteza. Venho tratar da mesma questão que Jacquard, se não mais largamente que ele, ao menos de um ponto de vista mais geral. Contudo, devo constatar, para homenagear a quem de direito, que a generosa conclusão da comunicação de meu amigo resgata amplamente o lado defeituoso que assinalo.

O homem não foi feito para ficar como instrumento ininteligente de produções; por suas aptidões e seu lugar na Criação, por seu destino, é chamado a outra função, além da máquina, a um outro papel, que não o do cavalo de carrossel; deve, nos limites fixados por seu adiantamento, chegar a produzir cada vez mais intelectualmente e, enfim, emancipar-se desse estado de servilismo e de engrenagem sem inteligência, a que, durante tantas gerações, ficou escravizado. O operário é chamado a tornar-se engenheiro, a ver seus braços laboriosos substituídos por máquinas mais ativas, mais infatigáveis e mais precisas; o artesão deve tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço do seu pensamento, e não mais por um esforço braçal. Aí está a prova irrecusável desta lei tão vasta do progresso, que rege todas as humanidades.

Agora que vos é permitido entrever, por uma escapadela na vida futura, a verdade dos destinos humanos; agora que estais convencidos de que esta existência não passa de um dos elos de vossa vida imortal, podeis exclamar: Que importa que cem mil indivíduos sucumbam, quando uma máquina foi descoberta para fazer o trabalho desses cem mil? Para o filósofo, que se eleva acima dos preconceitos e interesses terrenos, o fato prova, com muita singeleza, que o homem não estava mais em seu caminho, quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência. Com efeito, é no âmbito de sua inteligência que o homem, doravante, deve fazer passar a grade e a charrua que fecundam; é unicamente por sua inteligência que poderá e deverá chegar ao melhor.

Rogo que não deis às minhas palavras um sentido por demais revolucionário; não! Mas deixai-lhes o sentido largo e superior, que comporta um ensinamento espírita, que se dirige a inteligências já avançadas e prontas a compreender todo o alcance de nossas instruções. Está provado que, se de hoje para amanhã, o artesão abandonasse o tear que o faz viver, sob pretexto de que, num dado momento, este seria substituído por um mecanismo ou qualquer outro invento, por certo seguiria uma via fatal e contrária a todas as lições dadas pelo Espiritismo.

Mas todas as nossas reflexões não têm senão um objetivo: demonstrar que ninguém deve gritar contra um progresso que substitui braços humanos por molas e engrenagens mecânicas. Além disso, é bom acrescentar que a Humanidade pagou largo preço à miséria e que, penetrando cada vez mais em todas as camadas sociais, a instrução tornará cada indivíduo mais e mais apto para funções inteligentemente chamadas liberais.

É difícil a um Espírito, que se comunica pela primeira vez a um médium, exprimir seu pensamento com muita clareza. Assim, relevareis o desconcerto de minha comunicação, cuja conclusão aqui está em duas palavras: O homem é um agente espiritual que deve chegar, num tempo não muito distante, a

submeter ao seu serviço e para todas as operações materiais a própria matéria, dando-lhe por único motor a inteligência, que desabrocha nos cérebros humanos.

Vaucanson

Notas Bibliográficas

ANNALI DELLO SPIRITISMO IN ITALIA

(Anais do Espiritismo na Itália)

Sob esse título, a Sociedade Espírita de Turim começou uma publicação mensal, da qual recebemos os dois primeiros números. O objetivo eminentemente sério que se propõe essa sociedade, o talento e as luzes de seus membros, fazem bem augurar da direção que será dada a este novo órgão da doutrina. Graças a isto, e em razão do que está escrito em língua nacional, o Espiritismo fará seu caminho na Itália, onde já conta numerosas simpatias. A sociedade e seu jornal arvoraram claramente a bandeira da Sociedade de Paris. A seguinte passagem, traduzida do primeiro número, é uma espécie de profissão de fé, que indica suficientemente o espírito que preside à redação.

“...Aquele, pois, que quiser entregar-se ao estudo do Espiritismo comece, antes de tentar experiências, por ler as obras que tratam da matéria e a estudá-las atentamente, para não fazer como o viajor que, atravessando um país desconhecido, sem guia nem conselhos, a cada passo corre o risco de perder-se. E porque outros já aplainaram o terreno, quer a razão que se esclareçam por seus estudos, a fim de aprenderem a maneira de distinguir os Espíritos bons dos maus, e para saber como se deve agir, a fim de livrar-se destes últimos, não se deixar levar por seus embustes, nem serem vítimas dos males que daí pudessem resultar.

“Para isto recomendam-se como da mais alta utilidade as obras escritas em francês por um infatigável e sábio espírita, o Sr.

Allan Kardec, nas quais não se sabe o que mais louvar: se a retidão das intenções e a grandeza da filosofia, ou a clareza do estilo. Entre essas obras, as principais e as primeiras a ler são *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. No primeiro se acha a teoria filosófica revelada, como o afirma o autor, pelos Espíritos superiores; e no segundo um tratado completo da prática do Espiritismo e a maneira de adquirir, se possível, a faculdade mediúnica.

“Mas nenhuma destas obras está ainda traduzida em italiano. E mesmo que estivessem, sua extensão seria um obstáculo a muita gente que as quisesse abordar. O próprio autor sentiu esta dificuldade, razão por que resumiu a parte essencial de *O Livro dos Espíritos* num opúsculo intitulado: *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, o qual foi traduzido em nossa língua e publicado em Turim. Pode dizer-se que essa tradução deu a volta em toda a península, tendo sido vendido grande número de exemplares em todas as cidades da Itália.

“Mas como o autor não fez um resumo de *O Livro dos Médiuns*, e enquanto esperamos que o livro completo possa ser traduzido em italiano, tivemos a idéia de publicar uma síntese que, se não pode comparar-se ao de Allan Kardec, ao menos contém as principais advertências de primeira necessidade para os que tencionam aplicar-se ao estudo do Espiritismo prático. Esperamos que seja suficiente para indicar o caminho a seguir para conseguir pôr-se em relação com os Espíritos bons e afastar os inferiores e perversos.

“Estudado com pureza de sentimento, o Espiritismo pode tornar-se fonte das mais doces consolações para todos os homens de bem e desejosos do progresso.”

Um novo jornal acaba de surgir em Bordeaux, sob o título de: *O Salvador dos Povos, jornal do Espiritismo, propagador da unidade fraterna*. Diretor-gerente: A. Lefraise. Aparece

semanalmente. O título promete muito e impõe grandes obrigações, pois hoje já não basta a etiqueta. Tornaremos a falar dele quando tivermos podido apreciar a maneira pela qual se justificará. Se vier trazer uma pedra útil ao edifício, se vier, como diz, unir em vez de dividir, se a verdadeira caridade de palavras e de ação é seu guia para seus irmãos em crença, se a sua polêmica com os adversários de nossa doutrina não se afastar dos limites da moderação e de uma discussão leal, será bem-vindo e seremos felizes de o encorajar e o apoiar.

Uma nova obra do Sr. Allan Kardec, mais ou menos do mesmo volume de *O Livro dos Espíritos*, está no prelo desde dezembro. Deveria aparecer em fevereiro, mas atrasos involuntários na impressão, e os cuidados que esta exige, não o permitiram. Tudo nos faz esperar que poderemos anunciar a sua venda no próximo número. Destina-se a substituir a obra anunciada sob o título: *As vozes do mundo invisível*, cujo plano primitivo foi radicalmente mudado.

Necrológio

SR. P.-F. MATHIEU

(Antigo farmacêutico-chefe do Exército, membro de
várias sociedades científicas)

Morto em 12 de fevereiro de 1864, o Sr. Mathieu era muito conhecido no mundo espírita parisiense, onde freqüentava várias reuniões, nas quais tomava parte ativa. Tinha-se ocupado dos fenômenos espíritas desde a sua origem; conhecemo-lo quando fazíamos nossos primeiros trabalhos preliminares. A natureza de seu espírito o levava à dúvida e, muito tempo depois de ele mesmo ter experimentado, por meio da prancheta, recusava-se a reconhecer a ação dos Espíritos. Depois suas idéias se modificaram

e, nos últimos tempos, já não se mostrava tão radicalmente contrário à reencarnação. O Sr. Mathieu só dificilmente admitia, e com o tempo, o que não estivesse em suas idéias. Mas não era um adversário sistemático e, embora não partilhasse inteiramente as doutrinas expostas em *O Livro dos Espíritos*, devemos render-lhe justiça, pois, em sua polêmica, jamais se afastou dos limites da mais perfeita conveniência. Sua doçura e a honorabilidade de seu caráter o fizeram estimar e lamentar por todos os que o conheceram. Morreu no momento em que dava a última mão a uma importante obra sobre os convulsionários, que os Srs. Didier & Cia acabam de editar.

Allan Kardec